

O Velho Ulysses

José Sarney

Os deuses são velhos. Velhos são os profetas, os sábios, os magos. O tempo destrói tudo, mas é dele que se faz a vida. Nos homens, a dignidade se decanta com a idade. Num país onde não se sabe envelhecer, Ulysses envelheceu renascendo todos os dias. Em cada momento ele segurava uma nova bandeira. Os anos não lhe faziam mal. Vejo minha filha Roseana soluçar, numa prece convulsa que não pára, a repetir a sua solidão e o amor de sua geração a esse político que conseguiu, pelo fascínio, chegar ao coração dos moços.

Conheci Ulysses, eu jovem deputado da UDN e ele presidente da Câmara, no Palácio Tiradentes. Tinha um ar áspero, dando uma impressão de superioridade e distância. Os anos lhe amaciaram os gestos e os olhos. Gozava da fama de articular e de ser firme. Cedo ingressou no sacro colégio do PSD. Os fatos de 1964 o encontraram nessa posição. Foi-o diante de suas circunstâncias. Agiganta-se, ocupa o vazio. Articula, conversa, resiste e, pouco a pouco, transforma-se no condutor da restauração democrática. Tem seu momento mais alto como anticandidato à Presidência da República. Era um exímio costurador e alinhavava com extrema perfeição a conspiração da boa causa. Muitas vezes, depois de uma palavra, um discurso, um gesto duro, aparecia em nossa casa, eu, presidente do PDS, para convidar-me a conspirar para queimar etapas na então transição "lenta, gradual e segura". Éramos bons amigos. Tínhamos o tempo e a longa convivência para essas intimidades. Veio o momento decisivo de minha renúncia ao PDS e a catequese de Ulysses passou a ser mais forte, agora dividindo as reuniões com outros companheiros. O seu quarto, de simplicidade franciscana, no Hotel Bristol, passou a ser um "aparelho". Dali saíram as estratégias que levaram à eleição de Tancredo. Vice-presiden-

te é sempre uma figura incômoda. Desde a campanha começa a criar problemas de protocolo. Eu procurava manter-me afastado da ribalta. Nada de evidências. Muitas vezes me esqueciam. Eu sabia que era assim. A vice sempre foi considerada um cemitério de elefante. Ulysses, delicadamente, sempre estava atento a esses pormenores. Educado, reclamava e me pedia para forçar a porta. "Nunca tive jeito para papagaio de pirata", respondia-lhe. E Tancredo me amaciava a cabeça: "O Sarney já é da Academia e tem o senso da proporção".

Com a morte de Tancredo foi em Ulysses que me apoiei. Nunca, na História deste País alguém teve tanto respeito e consideração do Presidente quanto Ulysses Guimarães. Duas figuras, Pinheiro Machado e Ulysses Guimarães, gozaram dessa força e prestígio. Ulysses foi maior. Maior seu talento, sua respeitabilidade, sua grandeza. Mas tinha um fascínio pela voz das ruas. Para ele era uma flauta mágica. A ninguém devotou maior fidelidade. A opinião da rua era a opinião do povo, e o povo era o seu único guia.

Dom Pedro II foi visto chorando em público quando morreu o Visconde de Bom Retiro, seu amigo e notável homem público. Fiquei em casa, para guardar minhas lágrimas. Até nossos desencontros foram enriquecedores. Eles se processaram sempre em silêncio, civilizadamente, diminuindo nossas longas conversas e não aumentando o tom de nossas palavras. De volta ao Congresso nos reencontramos. Havia felicidade nessa volta. Afinal, éramos remanescentes de um tempo raro que começa a desaparecer. Daquela política em que o intelectual tem as mãos dadas ao político, do pensar coletivo, do "trabalhar para todos", como dizia Tiradentes, de parâmetros morais, de gestos e coisas simples, dos exemplos de austeridade, do amor à família, das horas gastas nas longas noites de perplexidades sobre

a angústia de nossos problemas e a incapacidade de resolvê-los.

Para mim, é difícil pensar numa paisagem política atual sem Ulysses. Ele era a Câmara e o seu símbolo. Já falava por provérbios. Era um mago das grandes causas, um vidente das esperanças. Um velho que, para ser novo, não gostava de reminiscências. Não falava do passado, só discordaria sobre o futuro.

Seu pai, ao colocar-lhe o nome, foi buscá-lo no herói mitológico. Aquele Ulysses que viveu tantas guerras, que atravessou tantos perigos e tantas vezes foi ao mar. Venceu tempestades como a que o separou de Agamenon. A de Júpiter que o poupou na Trinácia. Que foi ao mar mais profundo e resistiu às sereias. Que viveu tantas aventuras. Nosso Ulysses sempre gostou de associar a política ao mar. Adotou o lema de Sagres, reiterado por Fernando Pessoa, "navegar é preciso, viver não é preciso". Ele não podia passar aquela noite deitado no silêncio de Angra. A política o inquietava, chamava-o. Ela exigia a noite, a madrugada, o outro dia e mais o outro, até a eternidade. Era preciso navegar. Ele navegou no "Mar dos Antigos", a enseada em que venceu a última de todas as suas tempestades, a da vida. Ninguém o chamará jamais de velho esclerosado e senil. É santo da nossa História política. Que bela vida! Rica e cheia de exemplos.

Du Bellay, poeta da Plêiade que tinha à frente Rosardo movimento de defesa e ilustração da língua francesa, tem um alexandrino que diz tudo sobre a vida do outro Ulysses e do nosso Ulysses: "Reureux qui comme Ulysse a fait un beau voyage" (Feliz aquele que como Ulysses fez uma bela viagem). Viveram todos os perigos, mas saíram íntegros para a eternidade.

■ José Sarney, ex-presidente da República, é membro da Academia Brasileira de Letras e senador pelo PMDB do Amapá